

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

GENERO, ROTINA ESCOLAR E PROFESSORAS

Atair José Bernardino de Jesus¹
Andréa Cristina Martelli²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender questões relacionadas a gênero, a partir do posicionamento de professoras, que atuam na rede de educação básica do município de Cascavel-PR, e participam do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) permitindo que acadêmicos do curso de pedagogia desenvolvam determinadas atividades dentro da sala de aula. Durante nosso estudo, nos referenciaremos nos estudos de Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2008), discutindo temáticas relacionadas a gênero, tais como: a relação entre o feminino e o masculino dentro da sala de aula e da escola; a inferiorização do feminino em relação ao masculino; a docência como sendo um papel inerente às mulheres; e as rotinas que criam e ou reforçam a segregação entre meninos e meninas.

Palavras chaves: Gênero; PIBID; Professoras; Escola Pública.

Introdução

O presente texto, produzido a partir de inquietações construídas durante o II SEDIFOR³ – Seminário Internacional de Etnia, Diversidade e formação de professores, objetiva traçar um panorama acerca de questões relacionadas a gênero, a partir das de entrevistas feitas às professoras, que atuam em turmas do ciclo de alfabetização na rede de educação básica do município de Cascavel-PR, e participam do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.

1238

O Pibid é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira. (Portaria N.096. 2013. Art. 2º.).

Dentro de propostas como esta, emerge a importância do professor de educação básica – profissional que cotidianamente encontra-se dentro da sala de aula – como também responsável pela formação dos futuros profissionais docentes. ”O supervisor tem como primeira meta facilitar o desenvolvimento do professor, mas, ao fazê-lo (ao ajudar a ensinar), também o supervisor se desenvolve [...]”.(ALARCÃO. 1996. p.91).

¹ Graduando do segundo ano de pedagogia na Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná – UNIOESTE. Bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência PIBID –2013 à 2014. Pesquisador no grupo de pesquisa IMAGINAR: grupo de pesquisa sobre o imaginário educação e formação de professores. E-mail: atair-jose@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e Coordenadora institucional do PIBID-UNIOESTE. Integrante do grupo de pesquisa Violar/Unicamp e líder do grupo de pesquisa IMAGINAR- Grupo de pesquisas sobre imaginário, educação e formação de professores. E-mail: andreamartelli72@hotmail.com

³ Evento ocorrido na UNIOESTE – Universidade estadual do Oeste do Paraná, nos dias 19, 20, 21 e 22 de agosto de 2014, abordou temáticas relacionadas a diversidade religiosa, e sexual, propiciando também, por meio de grupos de trabalhos e mesas temáticas espaços para a discussão acerca de gênero e sexualidade nos espaços da escola.

Na construção deste trabalho, utilizamos as respostas de algumas professoras, extraídas por meio de entrevistas, que visavam conhecer o posicionamento destas em questões relacionadas a gênero, observando – a partir da ótica das professoras – como se estabelece a relação entre os gêneros feminino e masculino dentro da escola pública, procurando refletir também, como é concebida para as professoras a docência masculina no ambiente escolar, e o parecer delas em relação às rotinas de segregação de gênero que permeiam o espaço da escola.

O Feminino e o masculino dentro do ambiente escolar

Para discutir gênero, e relaciona-lo com o ambiente escolar estruturaremos o nosso texto nos estudos de Guacira Lopes Louro, (1997, 2000, 2008), utilizando dos seus trabalhos para conceituar minimamente noções sobre gênero e identidade, e a relação destes com o espaço escolar.

O processo de construção dos gêneros e da sexualidade acontece, segundo Louro (2008), por meio do aprendizado e da vivência social, onde imersos na cultura os sujeitos exercitam determinadas práticas que resultam em formas de vivenciar a sexualidade e a identificação com determinado gênero. Para a autora

“É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantem-se, por certo, como instancias importantes nesse processo constitutivo.” (LOURO, 2008, p.18.).

Entendendo que “a escola é atravessada pelos gêneros”.(LOURO, 1997. p.89.) percebemos que a criança ao ser inserida na sala de aula, a partir da reprodução de costumes, aprende junto com as letras, os números e os outros conhecimentos, a conviver em um ambiente fortemente marcado pela divisão dos costumes relacionadas ao gênero feminino e masculino.

Da arquitetura aos arranjos físicos; dos símbolos às disposições sobre comportamentos e práticas; das técnicas de ensino às estratégias de avaliação; tudo opera na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres – dentro e também fora da escola (uma vez que a instituição “diz” alguma coisa não apenas para quem está no seu interior mas também para aqueles/as que dela não participam). (LOURO, 1997. p. 91)

A compreensão de gênero a partir do posicionamento de professoras

Fora realizado junto a cinco professoras que atuam em turmas do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental, uma curta entrevista, onde questionadas, posicionavam-se sobre algumas situações que relacionavam a escola às questões ligadas a gênero. A primeira pergunta procurava compreender o que as professoras pensavam sobre um garoto que “xinga” o outro utilizando apelidos como “mulherzinha”, e se na sala de aula delas, isso já havia

acontecido. Nesta, quatro das cinco atribuíram essa atitude a um pensamento machista, considerado ainda, como uma problemática cultural.

É uma questão cultural, onde predomina ainda hoje o pensamento machista em que ser mulher é uma posição inferior ao ser homem, isto vem por meio da educação passada de pais para filhos, muitas vezes é a própria mãe (mulher) que transmite este pensamento machista. (Resposta de uma das participantes da pesquisa. Professora E⁴. 2013).

A professora que não atribuiu a um pensamento machista descreveu que nunca ocorreu na sala dela nenhuma atitude assim, pois orienta sempre seus alunos que atribuir apelidos, e ou xingar o colega, é algo que não se deve fazer. Ao final de sua resposta a professora escreveu: “mas foi bom responder esse questionário para que eu reveja minhas ações diante de alguns acontecimentos”.

“Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina”. (LOURO, 2000. p.09.).

Outra resposta que se destacou das outras afirmou que os pais sim, diferenciam a professora do professor, preferindo que seus filhos tenham aula com professoras. Construindo um breve histórico sobre a relação de gênero da docência Louro (1997. P.96) nos reporta que “Em seu processo de feminização o magistério precisa pois tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados a mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc.”. Encontramos ai, o berço do pensamento que entende que uma professora (gênero feminino) “cuida melhor das crianças” do que um professor (gênero masculino).

1240

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. (LOURO, 2000. p.09)

Dentro da relação entre, sexo (macho e fêmea) e, gênero (feminino e masculino), perguntamos às professoras se elas achavam possível uma criança se identificar com um gênero que fugisse da relação, macho = masculino e, fêmea=feminino.

O mais interessante dessas perguntas, foi todas afirmaram que é possível sim; duas dessas, que seria culpa da mídia, outras duas não justificaram a resposta, e na última vemos explicitado uma relação entre a família e a escola que não havia aparecido no discurso de nenhuma das outras professoras.

Claro, pois é na escola, espaço onde a mesma não esta sobre os olhares dos pais que elas mostram suas individualidades. As crianças desde de pequenas

⁴ Sigla utilizada para preservar a identidade da professora colaboradora com o PIBID, sem interferir no desenvolvimento do nosso trabalho.

são educadas pelos pais a demonstrarem certos comportamentos, e quando demonstra um comportamento diferente daquele que o “pai” “quer” é repreendido. Mas penso que nós professores não sabemos como agir nestes casos e muitas vezes, somente repetimos a ação dos pais “isto me fez pensar”. (Resposta de uma das participantes da pesquisa. Professora C⁵. 2013).

A reprodução dos costumes sociais e familiares das crianças em relação ao gênero continua a ser efetivado dentro da escola e da sala de aula, é importante ressaltar que observando a realidade da escola, vemos que todos os alunos fazem filas para entrarem em sala de aula, fila esta, que é separada por uma fator extremamente marcante dentro do ambiente escolar, os gêneros feminino e masculino.

As filas nas escolas são rotinas que se repetem ao longo dos anos, e procurando saber se dentro da escola PM existia alguma rotina que assim como as filas segregassem meninos e meninas, perguntamos as professoras se nas salas onde elas atuavam existia algum tipo de rotina que separasse os meninos das meninas. Três das cinco afirmaram que não, não realizam nenhuma atividade que separe as crianças pelo gênero, uma das professoras assumiu que sim, justificando o caráter organizacional da divisão, que ocorre apenas quando será feita a leitura do silabário em sala de aula, e por último, a professora respondeu:

Eu não, mas as crianças vem bem caracterizada a figura macho e fêmea nas roupas, nos brinquedos e brincadeiras e de uma criança de mostra diferente sofre discriminação. Ai vem o papel do professor mediar essa situação, mostrando a diferença entre sexo e gênero.

(Resposta de uma das participantes da pesquisa. Professora D⁶. 2013).

A partir dessa resposta, salientamos o papel da família dentro dessa separação. Observamos na escola, e isso fica evidente na resposta desta professora, que a própria família das crianças, definem, por exemplo, a cor dos seus objetos, a personagem do desenho animado que estará estampada em seu material escolar e, ainda, o seu comportamento que deve atender aos padrões socialmente aceitáveis, para o que uma menina ou menino deve fazer.

Últimas considerações

Este trabalho não tem o propósito de concluir uma pesquisa, mas sim de iniciarmos com essas reflexões, um estudo que procurará entender as relações de gênero dentro da escola, a partir do posicionamento de professoras da educação básica.

⁵Sigla utilizada para preservar a identidade da professora colaboradora com o PIBID, sem interferir no desenvolvimento do nosso trabalho.

⁶ Sigla utilizada para preservar a identidade da professora colaboradora com o PIBID, sem interferir no desenvolvimento do nosso trabalho.

Na elaboração do presente texto, ao entrevistar professoras sobre a temática gênero, propiciamos – mesmo que em um breve espaço de tempo – que estas, refletissem sobre as suas práticas diárias, repensando suas próprias rotinas que cotidianamente acabam por segregar meninas e meninos.

Por meio das entrevistas, refletimos sobre o posicionamento de professoras, sobre os gêneros feminino e masculino dentro do ambiente escolar, neste processo construímos minimamente uma noção de como as professoras atuam em suas salas de aula, além de aprofundarmos o estudo sobre a temática, o que nos servira de base para a construção de outros trabalhos na área.

Referencias bibliográficas

ALARCÃO, Isabel. **Reflexão crítica sobre o pensamento de D.Schon e os programas de formação de professores.** In: _____. (Org.) Formação Reflexiva de professores: Estratégias de supervisão. Porto/Portugal: Porto, 1996. p 09- 39.

CAPES. **Portaria Nº 096.** Brasil. Dia de 18 de Julho de 2013. Disponível em: <http://www.unioeste.br/pibid/>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis. Vozes, 1997. 1242

_____, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acessado em: 03 de setembro de 2012.

_____, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade.** In _____. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo horizonte. Autentica. 2000.